

**A dominação masculina: pedaços de um tempo histórico, em *Pedro e Paula*, de Helder Macedo**

Giovana dos Santos Lopes  
Mestranda em Letras – Estudos Literários – UEM

**Resumo:** Seguindo a perspectiva de que toda obra literária é influenciada pelo contexto histórico e social em que está inserida, o romance *Pedro e Paula*, de Helder Macedo, nos chama a atenção pelo fato de seus personagens refletirem os aspectos da ideologia masculina dominante da época, entre 1945 a 1997. A personagem Paula passa pelo processo de dominação masculina, mas acaba libertando-se dessas amarras, o que nos remete à reflexão de um contexto histórico de uma época em que predominou a dominação masculina. Verificamos essa libertação segundo a perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu.

**Palavras-chave:** Dominação masculina; Helder Macedo; Pierre Bourdieu.

**The masculine domination: pieces of a historical time, in *Pedro e Paula*, by Helder Macedo**

**Abstract:** Following the perspective that all literary composition is influenced by the historical and social context where it is inserted, the romance *Peter and Paula*, by Helder Macedo, calls the attention for the fact of its personages to reflect the aspects of the dominant masculine ideology of the time, between 1945 and 1997. The personage Paula passes for the process of masculine domination, but she becomes free itself of these mooring cables, wich send us to the reflection of a historical context of a time wich where predominated the masculine domination. We verify this libertarion according to the perspective of the sociologist Pierre Bourdieu.

**Key words:** Masculine domination; Helder Macedo; Pierre Bourdieu.

## Considerações iniciais

Podemos evidenciar, merecidamente, como um dos grandes destaques na literatura portuguesa, o escritor Helder Macedo. Natural da República Sul-Africana, passou sua infância em Moçambique, e parte da juventude em Portugal. Vive há cerca de 40 anos em Londres, onde rege a cátedra **Camões** no King's College. Além de romancista é também poeta, crítico e investigador literário. Obteve consagração em romance após a edição de *Pedro e Paula*, em 1998, embora já usufruísse a mesma condição como poeta e ensaísta. Também é autor de *Vesperal* (1957), *Partes de África* (1991), *Viagem de Inverno* (1994), *Vícios e Virtudes* (2000) e *Sem Nome* (2004).

Suas obras têm grande destaque na crítica como também entre os leitores; elas apresentam conteúdos que remetem à família, à cultura portuguesa, à história colonialista, bem como à peregrinação, desenvolvidas sob o aspecto instigante de seus personagens, destacando-se sempre grandiosa influência de uma personagem feminina central.

No que tange esse aspecto, é evidente a relação da estrutura de *Pedro e Paula* com o meio social. É através desse enfoque que podemos verificar a busca de suas personagens pela auto-realização e pelos valores humanos, tão evidentes na sociedade da época em que a narrativa acontece.

O presente estudo infere uma análise de *Pedro e Paula* por meio da perspectiva de Pierre Bourdieu no que se refere a opressão da mulher imposta pelo homem, ou seja, a violência simbólica; um dos campos de pesquisa aos estudos de representação da identidade feminina. A referida obra coloca em relevo o universo e a problemática feminina sob um ponto de vista perspicaz e questionador. Diante das tentativas de dominação das personagens masculinas frente às femininas, que por determinadas circunstâncias libertam-se dessas amarras, suscitam-se algumas perguntas: Como é demonstrado o processo de dominação masculina à mulher, fruto de um tempo histórico e uma tradição cultural? Como ocorre a libertação da personagem feminina? Para tentar responder a essas questões, temos como objetivo verificar as articulações decorridas no texto em que ambos os lados, masculino e feminino, oscilam-se num jogo de submissão e poder.

Nas linhas que seguem, discorreremos de informações sócio-históricas sobre as concepções do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), como finalidade de possibilitarmos

uma leitura crítica ao *corpus* escolhido, partindo do enfoque da representação das personagens.

## 1. As concepções de Pierre Bourdieu

Se no âmbito da literatura, a crítica feminista tem o intuito de desvelar os fundamentos ideológicos patriarcais, há no âmbito da filosofia e sociologia, perspectivas de estudiosos que tornam em evidência a relação de dominação entre os sexos.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, discorre sobre a violência simbólica no campo social. Ele consiste em admitir que existe no mundo social estruturas objetivas que podem coagir a ação e a representação dos indivíduos, dos chamados agentes.

No entanto, tais estruturas são construídas socialmente assim como os esquemas de ação e pensamento, chamados por Bourdieu de *habitus*.

O momento objetivo e subjetivo das relações sociais estão numa relação dialética. Existem realmente as estruturas objetivas que coagem as representações e ações dos agentes, mas estes, por sua vez, na sua cotidianidade, podem transformar ou conservar tais estruturas, ou almejar a tanto.

A verdade da interação nunca está totalmente expressa na maneira como ela se nos apresenta imediatamente. Uma das mais importantes questões na obra de Bourdieu se centraliza na análise de como os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo que a produzem, legitimam e reproduzem.

Podemos verificar tais questões em *A dominação masculina (2005)*, a partir da análise de aspectos da sociedade cabila identificados na sociedade euro-americana, Bourdieu mostra como a relação de força material e simbólica entre os sexos é refletida nas instituições - Família, Igreja, Escola, Estado - que ainda estão calcadas e presentes no inconsciente coletivo no que se refere a dominação masculina como ideologia dominante:

Se é verdade que o princípio de perpetuação dessa relação de dominação não reside verdadeiramente, ou pelo menos principalmente, em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica, sobre a qual um certo discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como a Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um campo de ação imensa que se encontra aberto às lutas

feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem-definido, no seio mesmo das lutas políticas contra as formas de dominação. (BOUDIEU, 2005, p. 10-11)

Bourdieu afirma que essa estrutura dominante provinda da realidade histórica é, sem dúvida, passível de transformação, ou seja, para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização. A história de re(criação) continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos, pode e deve ser mudada e, principalmente, recriada.

Diante desses aspectos apontados, se faz evidente a co-ligação em *Pedro e Paula*, em que encontramos presentes tais aspectos descritos por Bourdieu, os quais verificaremos a seguir.

## **2. A dominação masculina evidenciada no contexto histórico da obra**

*Pedro e Paula* (1998) é o primeiro romance de Helder Macedo. Discorrendo sobre o enredo, a história inicia em 1945 e termina em 1997. No primeiro capítulo “*Entradas e saídas*” já verificamos as “certezas” e “incertezas” no tecer da narrativa, que remete as condições em que os gêmeos foram gerados e nascidos. Daí surge toda a trama, recheada pela ditadura, revolução e transição para o socialismo.

Foi o padrinho dos gêmeos, Gabriel, que escolhera os nomes e que foi o grande amor de Ana, a mãe das crianças. O triângulo se fazia com Gabriel, Ana e José, amigos inseparáveis da época do curso de Direito. Ana optou por José, com quem casou-se e teve os gêmeos. À Gabriel foi destinado o título de padrinho, apenas. Depois de um tempo, foi aceito na carreira diplomática e foi-se embora para Londres enquanto José teve que se contentar com um emprego de chefia política e ilícita, em Moçambique, na África do Sul.

No que tange o processo de dominação masculina evidente no conto, partimos para o desnudamento de suas personagens: Pedro sempre quis ter tudo primeiro desde o nascimento, sempre deixou as sobras para a irmã, resultando uma inveja por ela, desde pequeno:

[...] ela frugal no seio esquerdo e ele imperioso no direito. 'Muda-os, querida, já estás com isso em sangue!' 'Não posso, ele não deixa!' 'Mas ao menos alternamos, escusam de mamar os dois ao mesmo tempo'. Um desastre: daí em diante era tudo dele e a menina teve de ser passada para um ribeirão clandestino nos intervalos. (MACEDO, 1998, p.21)

Há várias passagens no texto que revelam as tentativas de exercer poder pela irmã, Pedro sempre tentou colocá-la em posição inferior, submissa, e usava do discurso de proteção, pelo fato de ser homem e ter dado às boas vindas ao mundo cinco minutos antes dela, para usufruir dessa posição:

Tu sabes que és uma menina muito frágil... És diferente... És a minha irmãzinha...! [...] Foi Pedro quem a desafiou a ir com ele para Lisboa quando entrou na Faculdade de Medicina [...] Foi ele quem conseguiu apaziguar as legítimas, previdências e naturalíssimas objeções do pai, argumentando a perfeita lógica e boa economia de irem ficar os dois a viver no apartamento que tinha tido de ficar vazio na Padre Antonio Vieira [...] sossegassem, confiassem nele, tomaria conta de tudo, desde à moral às finanças, controlaria as mesadas de ambos, lá o teriam a protegê-la, a encorajá-la, a ser o seu irmão mais velho (riu de novo), pois não fora para isso mesmo que tinha nascido cinco minutos antes dela? (MACEDO, 1998, p.57-58)

Todo esse processo de dominação para com Paula é fruto de uma herança provinda de José, que já obtinha os mesmos aspectos. José via em Ana uma mulher que deveria ser submissa, e é justamente isso que ela se torna ao casar com ele abandonando a escolha por Gabriel. Os aspectos e características do marido representavam o período em que vivia; ele era adepto às políticas ilícitas e a toda carga de autoritarismo que ela pertencia:

O José ia, em suma, chefiar serviços que desconhecia numa colônia de que nada sabia, era perfeitamente normal e de toda justiça, um favor que fazia à pátria, declarou Ana com toda sua ferocidade [...] 'Ao menos começo por cima e não a carregar malas', foi a resposta petulante de José como se o ataque tivesse vindo de Gabriel. (MACEDO, 1998, p.31)

Verificamos em outro trecho a forma com que José transportou para Pedro toda a herança patriarcal, em relação aos serviços à pátria, à Fernanda, a namorada que Pedro deixou depois que soube que estava grávida, à Paula, e à Ana, respectivamente:

Todos nós temos o dever de contribuir para preservar a integridade do nosso país. A tua contribuição é como médico. [...] Fizeste bem em acabar teu namoro com esta rapariga. É natural que te custe agora, se efetivamente a fizeste sofrer como pareces acreditar. Mas não é o sofrimento que possa durar muito, sendo ela a pessoa de horizontes limitados que descreve. E tu em breves estarás pronto para outras aventuras. São experiências necessárias a um homem. Mas não te deixes amarrar antes do tempo, evita ratoeiras. Nunca te esqueças que na vida de um homem há relações que só podem ser transitórias. Estou indignado com o comportamento de tua irmã. A culpa porém não é tua. É dela, que devia saber porta-se como uma mulher honesta. [...] Faz-me vergonha sabê-la assim, a entregar-se a qualquer um. Não foi para isso que a criamos. Se quer tanto ser independente, aqui teria a oportunidade de ensinar no liceu, de trabalhar honestamente. De se tornar uma mulher respeitável. De se casar, se algum homem honrado ainda a quisesse como esposa. Mas a vossa mãe encoraja-a em todas as loucuras, aceita todas as vergonhas. [...] Vive num mundo irreal a vossa mãe. Não é controlável e por vezes faz-me aceitar o inaceitável só para a pacificar... O meu receio é que a filha tenha herdado o desequilíbrio da mãe. (MACEDO, 1998, p.71-72).

Essa herança que José obteve e repassou para Pedro é fruto da ideologia de toda uma sociedade patriarcal, ou seja, de uma estrutura histórica da ordem dominante. Bourdieu (2005) evidencia que a sociedade vem sendo conduzida sobreposta em uma esteira de relações binárias em que a mulher sempre ocupa o espaço subordinado ao homem, e este constitui o núcleo do cosmos:

Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina. (BOURDIEU, 2005, p.31).

Perante esse degradante estado de incorporação da dominação masculina e a projeção para submeter as personagens femininas em subordinadas, podemos inferir as tentativas de libertação.

### 3. A libertação de Paula

Paula, mesmo sendo superior ao irmão, em atitudes, pensamentos e ideais, sempre “deixou-se”, aparentemente, submissa a ele. O que fazia com que Pedro nutrisse ainda mais seu sentimento ambíguo de posse e ódio em relação a ela. Embora tenha sido criada ouvindo o discurso patriarcal do pai e do irmão, soube dispensá-lo de forma muito sutil, o que podemos observar em certa passagem de um diálogo de Pedro para com ela:

‘Por quê? És contra o aborto? Nunca fizeste? Tu? Ou só tu tens direito, como em tudo? Ou julgas que lá porque agora estou sem nada me podes tratar assim? É indigno! É miserável!’ Paula entendeu a indignação sem entender a causa, deu-lhe o desconto dos ressentimentos dos descontos antigos exacerbados pelos recentes horrores a que Pedro estivera exposto e ela tão feliz em Lisboa [...] ‘Pois é’, disse ela apenas. ‘Pois é’. [...] Mas tinha um longo traquejo de como lidar com agressões masculinas e acabou por neutralizar a do irmão num vago gesto de que importância tem isso: ‘Deixe lá, Pedro. Pois é’. (MACEDO, 1998, p.152).

Paula representa as revoluções de sua época, não somente a social mas, também, a política. O genuíno talento para artes, como a pintura, a música, a fez buscar novos rumos: a Faculdade de Belas Artes, em Lisboa, a pós-graduação em Paris, a procura por Gabriel, em Londres.

É interessante verificar também que a libertação sexual de Paula foi expressa, primeiramente, por uma intervenção cirúrgica, pois não queria submeter sua virgindade a um homem: “Sabe o que é que fiz quando fiz dezoito anos? Para celebrar o dia dos meus anos? Fui à médica, expliquei-lhe as minhas razões, pedi-lhe que me abrisse o hímen com o bisturi. Não queria que a minha virgindade fosse uma coisa que pudesse ser perdida”. (MACEDO, 1998, p. 47).

Muitas vezes ela usa de um discurso irônico para com Pedro, sabendo que o irmão era mais fraco do que ela; verificamos exemplo disse na passagem em que Paula o encontra no apartamento que dividiam, depois de dias que esteve ausente, em situação

lastimável: “Tens de me ajudar Pedro, não consigo carregar tudo sozinha. Tu sabes que preciso sempre de tua ajuda, sou uma menina muito frágil, não te lembras?” (MACEDO, 1998, p. 77).

A busca por Gabriel viola todas as regras impostas pela dominação masculina e pelo regime ditatorial da época, ou seja, foi unir-se a um homem mais velho, exilado de Portugal em Londres, o espaço perfeito que configura o lugar do encontro das diferenças para se constituir uma identidade livre e independente.

Essa união com Gabriel não deixa de ser o projetar de Ana com a liberdade. Tudo que Ana não teve, o amor, a liberdade, a autonomia, era projetado em Paula: “Vai minha filha, vai ser o que eu não fui”. “Fizeste mal. Fazia-te bem. Ah, quem me dera ser a Paulinha!” (MACEDO, 1998, p. 58).

Ela sabia muito bem que era uma mulher oprimida pelo marido e pelo filho:

Estás a ver a reação do vosso pai ao “agradável” perante o que disseste sobre as contracepções da inocente filhinha! Como se a inocência estivesse nessas coisas! Ou ela devesse ter ficado à espera da pomba, como a Virgem Maria” Escandalizo-te? Sim, bem sei que te escandalizo. Mas tu bem sabes, tu, o quase médico, que tens uma mãe frustrada, e neurótica, e que o teu pai diz que é louca, e que casou virgem, e que nunca devia ter casado, virgem ou rasgada. (MACEDO, 1998, p. 70-71).

Mas, mesmo sendo consciente dessa opressão, não buscou a liberdade como Paula, por isso houve a projeção desse desejo com a realização da filha.

Mesmo obtendo liberdade com sucesso, conseguindo desvencilhar-se, sutilmente, do domínio do pai e do irmão, indo viver com Gabriel, em Londres, Paula, numa única vez que responde frontalmente ao irmão, usando de toda sua autonomia e não mais fingindo convivência para Pedro, é estuprada por ele:

“Sabes o que é que eu não consigo mesmo perdoar-te, Pedro? É que afinal tu és irremediavelmente, irrecuperavelmente menor. Apenas um pobre-diabo.”. E então... Bom, o resto foi rápido e brutal. Pedro avançou para a irmã de punho erguido, empurrou-a, ela caiu, ele caiu sobre ela, rasgou-lhe a camiseta, comprimiu-lhe os seios, bateu-lhe várias vezes com a nuca no chão, hesitou por um brevíssimo momento quando a percebeu atordoada, levantou-lhe a saia sobre o ventre, quebrou o elástico das calcinhas de seda, baixou-as até



conseguir desembaraçá-la dos pés, abriu a braguilha, tirou das calças o pênis erecto, afastou-lhe as coxas com ambas as mãos, penetrou-a num orgasmo imediato, que esfriou rapidamente, viscoso, em parte derramado sobre a vagina contraída.” (MACEDO, 1998, p. 210)

Vemos que Pedro se vinga de Paula da maneira mais cruel e violenta possível para afirmar sua masculinidade e poder sobre o feminino, pois ele sabia que sua debilidade física e moral, assim como toda a sua fraqueza no amor e no trabalho, eram habilmente suportadas por Paula, porém sua herança ideológica que o fazia fruto da dominação masculina não o torna vencedor, como a irmã. O incesto é uma violação que põe em evidência não uma sexualidade em si, mas um desamor, a posse indevida e a usurpação do outro.

Paula ainda se apresenta forte e resolvida diante de mais uma fraqueza do irmão, pois chega até a contar, anos mais tarde, para a filha Filipa, o fato ocorrido.

Sob esse prisma, verificamos que Paula é a grande heroína da narração, pois foi capaz de desvencilhar-se da dominação, driblar a ditadura de um tempo, emigrar-se para Paris e Londres em busca de novos ideais e suportar a fraqueza e a dominação do irmão, ou seja, descortinou toda a ideologia de uma sociedade.

### **Considerações finais**

Diante do exposto constata-se que a obra analisada apresenta uma visão crítica da construção do feminino diante da ideologia dominante de uma sociedade, fruto de um contexto cultural que incumbia a discriminação às mulheres com algo “natural”.

A relação entre as personagens nos indica uma espécie de metáfora da história do tempo em que a sociedade portuguesa se encontrou na época da ditadura e revolução. Através da constatação da violência simbólica demonstrada por José e Pedro, verifica-se também, que há a libertação desses moldes da ideologia dominante.

Enquanto Ana avalia sua posição de mulher oprimida pela ideologia dominante, e obtém, apenas, uma crítica passiva, contundente aos valores de quais sempre foi submetida, optando pela segurança e tranqüilidade aparentes que o casamento lhe oferecia, Paula tem a opção de libertar-se das amarras que lhe incumbiram.

Como nos afirma Bourdieu (2005), a personagem supera toda a opressão rompendo ideais e fronteiras, o que simboliza a liberdade de muitas outras mulheres e, ainda, a liberdade de uma sociedade frente à ditadura.

Não obstante, representa a mulher reprimida sexual e politicamente que desnudou o preconceito de seu tempo, conquistando seu espaço e inaugurando novos rumos mais igualitários.

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MACEDO. H. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1998.